

O PAPEL DO TERCEIRO MUNDO

Armando Corrêa da Silva
Prof. Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Comentário do conteúdo do projeto e relação bibliográfica preliminar.

Os países centrais da periferia

Um certo número de países da periferia tornaram-se países centrais pelo nível industrial que atingiram e avançam agora para patamares tecnológicos atuais em confronto com seus problemas internos herdados do colonialismo, do subdesenvolvimento e da dependência, em direção ao status de primeiro mundo.

Eles oferecem, à complementaridade, espaços de reserva, recursos minerais, força-de-trabalho qualificada, alguns produtos e materiais novos competitivos.

Não há como recuar e a alternativa é vencer os obstáculos culturais, políticos e institucionais.

O problema das políticas públicas e privadas torna-se, então, prioritário, no sentido de encontrar os parâmetros do desenvolvimento sustentado, no qual as políticas em relação ao meio ambiente desempenham um papel. "Temos os nossos problemas; ainda não temos os problemas deles".

As políticas nacionais, anteriores à crise do Leste Europeu, esgotaram-se.

As ajudas externas encontram agora um amplo palco de aplicações.

Isto significa a necessidade de caminhar sem andadeiras.

Para o Estado, defronta-se a necessidade de torná-lo eficiente, num quadro de carências sociais e políticas que exigem uma política adequada ao crescimento acelerado, num quadro de seqüelas do passado.

Para o empresário, mostra-se uma perspectiva de cada vez mais a ausência de subsídios.

Para os assalariados antepõem-se o dilema de conquistar patamares mais altos de salários capazes de enfrentar o aumento de impostos, taxas e preços.

Tudo isto faz com que se enfraqueçam os laços de solidariedade locais, regionais, nacionais e internacionais.

O novo individualismo é altruista apenas ao nível de uma nova racionalidade imposta pelos imperativos do capital e do trabalho mundiais.

Em cada país certos valores se modificam ou se acentuam, numa perspectiva que aponta o futuro como um desafio.

O desempenho das metrópoles sub-centrais

Os países centrais da periferia têm sua maior expressão nas metrópoles mundiais, nacionais e regionais.

É onde se concentram os aspectos mais avançados da tecnologia e da técnica.

Não obstante, essa centralização está, em muitos casos, descentralizada.

Em parte isto é uma herança da política de alocação de polos de crescimento e desenvolvimento, agora denominados tecnopolos, que têm estrutura diversa.

São sub-centrais porque em grande medida representam uma extensão dos centros hegemônicos do capital e do trabalho.

Em parte, por causa de efeitos históricos das formações nacionais e da rigidez locacional pretérita de muitos fatores.

O desempenho das metrópoles sub-centrais é endógeno e exógeno.

De uma parte, elas se voltam para as economias internas e, de outra, estão entrelaçadas a interesses externos.

Internamente, as redes urbanas configuram fixos e fluxos que se distribuem espacialmente gerando regiões desigualmente avançadas ou atrasadas.

Externamente, os fluxos internacionais, agora apoiados nos sistemas de informação e comunicação, completam a complementaridade da divisão internacional do trabalho em redefinição.

Em alguns casos os blocos econômicos já desenvolvem formas de cooperação e competição novas.

No entanto, essas tendências podem vir a modificar-se em função da atual indefinição dos processos de globalização.

Até quando as metrópoles conduzirão os macro-processos de configuração da atual situação Norte-Sul?

A velocidade das inovações e das políticas públicas e privadas torna difícil o diagnóstico da natureza da crise contemporânea.

Parece certo que as metrópoles sub-centrais deverão ainda, por um tempo difícil de determinar, deter o monopólio das transformações territoriais.

Novas regionalizações estão se impondo embora a resistência dos poderes locais, regionais e nacionais seja ainda grande.

O valor in flux determina hoje a natureza do desempenho dos a gentes econômicos, sociais, políticos e culturais.

No momento, o Terceiro Mundo não apresenta ao Primeiro, uma face estratégica comum em função de seus interesses dispersos.

As metrópoles sub-centrais podem ser o ponto de partida de uma política comum.

A reserva de matérias-primas

A revolução técnica-científica iniciada na década de 50 mudou o panorama da demanda de recursos, principalmente a partir da descoberta de novas ligas e produtos leves, que alteraram a importância das ma térias-primas no processo de industrialização contemporâneo.

Se a oferta tradicional continuou, oriúnda da divisão internacional do trabalho anterior, surgiram demandas de minerais industriais não metálicos, necessários à produção de novos equipamentos que a química fina e a eletrônica suscitaram.

O perfil dos custos modificou-se com o advento de uma nova força de trabalho qualificada e especializada, capaz de lidar com a in formação e a comunicação, acompanhada de novas tecnologias mais baratas que os países centrais da periferia já estão desenvolvendo.

Os produtos são agora mais compactos e leves significando uma nova utilização dos espaços.

O fordismo é aos poucos substituído pela flexibilidade e esta pelos processos do just-in-time.

É que a competição é agora um sub-produto da velocidade, em razão também da lógica do descarte.

O neo-colonialismo transformou a periferia única em muitas pe riferias, como áreas de influência na Ásia, dos Estados Unidos e na Europa.

Não obstante, a divisão Norte-Sul não elimina os mercados re gionais, inclusive no interior do Terceiro Mundo.

O Leste Europeu, inclusive a Rússia, encontra-se num processo de redefinição de seus modelos de crescimento e desenvolvimento, promovendo uma nova regionalização dos territórios.

A modernização, se muda os patamares de produção e consumo, não significa necessariamente crescimento e desenvolvimento.

Os espaços sub-povoados do Terceiro Mundo passam a constituir espaços de reserva.

Aí entram em jogo os interesses dos Estados-Nações e as questões sociais nas cidades e no campo.

Alguns países permanecem em patamares anteriores à globalização, que é neles superficial. Outros, já se encontram próximos de limites pós-desenvolvimento, sem terem ocupado ainda todo seu território.

Ecologia e divisão do trabalho

A situação atual do mundo é a de um desequilíbrio entre a sociedade e o meio natural. O próprio meio humanizado apresenta hoje vários sintomas graves de desecologia.

No Terceiro Mundo existem ainda grandes espaços em que os ecossistemas não foram inteiramente desarticulados.

O modelo clássico de desenvolvimento industrial e urbano explorou os recursos naturais, renováveis e não renováveis, até certos limites que, no Primeiro Mundo, atingiram níveis pouco toleráveis pelas pessoas.

A reversão desse modelo está agora em curso, embora se tenha que enfrentar poderosos interesses ligados às plantas industriais e urbanas implantadas ou em implantação.

Ao lado da luta dos ecologistas e ambientalistas, começam a surgir pressões no sentido da criação de um novo mercado de caráter não degradador e poluente.

Em outras palavras, a luta contra a poluição, por exemplo, está se tornando um negócio rendoso, que interessa a produtores e consumidores.

Mas, a criação de "áreas limpas" só está beneficiando parte da sociedade.

As pessoas que vivem na pobreza ou abaixo desse limiar não têm acesso aos benefícios da criação de um mundo despoluído e recomposto.

O capital só se interessa pela conservação da natureza e dos recursos enquanto questões políticas e sociais estão em jogo.

No entanto, vem aumentando a consciência da necessidade de um relacionamento adequado entre a sociedade e o meio, sem que isso impeça o desenvolvimento do campo e da cidade.

Já há preocupação institucional com o impacto ambiental de qualquer empreendimento novo.

Há necessidade de políticas públicas e privadas, consubstanciadas em leis, de preservação e melhoria das condições ambientais.

No plano da saúde há preocupação com os efeitos da proliferação de novas situações patológicas criadas pelo próprio progresso da medicina.

É o caso da engenharia genética que descobre novas possibilidades de prolongar a vida humana.

A revolução técnica-científica, à medida que alcança o Terceiro Mundo, muda as expectativas e mentalidades em relação à ecologia e à divisão do trabalho.

A periferia sub-central na margem

Alguns países periféricos têm sua própria área de influência. São os países sub-centrais, muito marginais à influência das potências centrais.

Esses países são reservas de reservas de mercados.

Alguns têm uma importância secundária e vivem de sub-recursos como o comércio de drogas. Outros são verdadeiros entrepostos de contrabando.

São áreas que não incorporaram ainda o choque tecnológico.

Não que não o conheçam, mas trata-se de uma influência mais mercantil do que própria do parque produtivo interno.

São sub-mercados na América Latina, Ásia e África.

De certo modo são ainda nichos ecológicos submetidos a uma influência pré período técnico-científico.

Mas, não são insensíveis à urbanização moderna o que os torna suscetíveis ao destino das periferias avançadas.

A situação da força de trabalho nesses países é precária, possuindo eles um amplo setor informal mercantil.

Suas políticas públicas e privadas são ainda tímidas, no que diz respeito ao avanço das formas novas do capital e do trabalho.

Mão-de-obra barata e recursos naturais, assim como algumas matérias-primas são eventualmente de interesse do Primeiro Mundo.

Contudo, há inúmeras mediações nas trocas.

À medida que as fronteiras se abrem há processos novos de migrações.

Uma característica importante dessa migração é a de que se trata de populações ainda não atingidas pela esquizofrenia das grandes metrópoles centrais ou da periferia avançada.

Uma regionalização atual analítica do globo, desfaz imediatamente a idéia de um Terceiro Mundo homogêneo.

Na verdade, as diferenças são muitas.

Se o mercado mundial já é uma realidade, direta ou indireta, fatores culturais, étnicos, psicológicos etc., explicitam com força essas diferenças.

O futuro desses países é uma incógnita, que depende do desenvolvimento da atual crise mundial.

Não obstante, todos eles estão participando do mesmo universo de informações e comunicações atuais, filtradas pelas agências nacionais, regionais e locais.

Estratégias de alocação do excedente

Os países centrais da periferia estão gerando uma excedente cuja alocação constitui um desafio para o Estado, a empresa e o consumidor.

É que as vantagens comparativas são absorvidas por encargos internos e externos, dentro de áreas de influência herdadas do passado. Como avançar tendo em vista as disparidades endógenas e exógenas?

A inserção dessas economias cada vez mais em um mercado mundializado exige a mudança de prioridades, quando os problemas conjunturais ganham proeminência sobre os dados estruturais.

Isto implica na existência de políticas que levem em conta a velocidade com que ocorrem hoje a geração e a transferência de valor.

Qual a melhor estratégia?

A modernização passa a ser apenas uma atividade meio para colocar o Estado, a empresa e consumidor em posições competitivas.

A atividade fim deve ser, por decorrência a modificação dos patamares de renda em direção à diminuição dos entraves ao crescimento e ao desenvolvimento.

Educação, saúde, melhoria do meio ambiente, transportes, investimentos em infra-estrutura etc. devem ser planejados buscando a alocação ótima social do excedente.

Isto significa a necessidade de que essas atividades ajam no sentido de reverter os processos de defasagem econômica, social, política e cultural.

Onde conseguir os capitais e a força de trabalho moderna necessários ao deslanche de novos marcos de atividade produtiva?

Isto significa introduzir o âmbito do consumo na geração e transferência de valor.

A cooperação das individualidades torna-se um imperativo atual.

A nova sociabilidade passa a decorrer de novas concepções do político.

Retomar a tradição da cordialidade, renovada por influência das necessidades do período técnico-científico.

Dá a importância das definições democráticas por parte da sociedade civil.

Como passar do sucesso individual para o desenvolvimento social, sem a perda da liberdade de decisão?

Dívida externa e mercado

A dívida externa está relacionada ao mercado mundial.

Assim, o Terceiro Mundo está indissolúvelmente ligado, no prazo longo, ao Primeiro Mundo.

As economias autárquicas estão em dissolução em razão das necessidades da revolução científica e tecnológica.

A abertura dos mercados, se é uma necessidade atual, tende a pressionar as barreiras protecionistas.

Na competição internacional o Estado-Nação tenta reter o excedente para si.

A guerra das armas é, então, substituída pela competição por eficiência e produtividade.

Isso implica em que o Terceiro Mundo, da condição de cartelização, passe à condição de autonomia, gerando seus recursos em direção à reciprocidade dentro de uma nova divisão do trabalho e a uma nova regionalização do capital.

As barreiras nacionais e os conflitos daí resultantes podem dar origem a conflitos regionais que não estão em consonância com a geração, transferência e circulação do valor.

As lógicas do capital e do trabalho são complementares, frente aos interesses do consumidor.

Os desencontros entre os agentes econômicos são apenas formas do mercado funcionar.

Assim, os fluxos de valor passam de um espaço a outro, equilibrando ou desequilibrando as trocas.

A centralização-descentralizada passa a ser, então, a condição de operacionalidade global do mercado.

O Terceiro Mundo encontra-se em situação privilegiada porque não precisa repetir o caminho difícil de crescimento e desenvolvimento do Primeiro Mundo.

As inovações tecnológicas agem como inputs de novas configurações territoriais sem que haja um sentido único da História.

Uma democracia política torna-se um output necessário à democracia econômica.

No Terceiro Mundo, dividido por suas diferenças, a dívida externa tem significados estratégicos diversos, em função das diferenças culturais, religiosas e ideológicas.

Num certo nível, todo o Terceiro Mundo é isotrópico ante ao Primeiro. Como resolver o impasse?

Via colonial e via complementar

A maioria dos países do Terceiro Mundo fez parte do colonialismo do século XVI e, mais tarde, o colonialismo dos séculos XIX e XX.

O mundo colonial libertou-se das políticas imperiais nestes últimos séculos.

Não obstante, uma certa autonomia econômica é recente.

Entenda-se isto como a progressiva industrialização e formação de mercados internos.

Na maior parte dos casos, o mercado interno formou-se com a vinda e expansão de capitais externos.

As políticas nacionais desses países configuraram, assim, um desenvolvimento do que se denomina via colonial, à qual sempre se contrapuzeram políticas nacionais, que obtiveram maior ou menor êxito.

Agora, no final do século XX, a via colonial foi substituída pelo neo-colonialismo, em alguns casos, ou por políticas que configuram uma via complementar.

Nos dois casos, os países do Terceiro Mundo são áreas de interesse dos poderes centrais do Primeiro Mundo.

No entanto, a dependência hoje é basicamente tecnológica, no setor mais avançado, e sócio-cultural nos setores mais atrasados.

Alguns países do Terceiro Mundo atingiram a condição de países centrais da periferia.

Vive-se hoje uma redefinição do papel do Estado e uma expansão da atividade mercantil capitalista.

A crise do Leste europeu deu ao capital a hegemonia das políticas de crescimento e desenvolvimento, com algumas exceções que em alguns casos são significativas.

Um dos efeitos da revolução técnico-científica foi o desaparecimento do poder centralizado imperial e o aparecimento de uma centralização-descentralizada no Primeiro Mundo.

A exportação dessa política criou circuitos diferenciados de cooperação espacial no Terceiro Mundo, que se relacionam com os centros polarizadores do Primeiro Mundo, onde se difundem as inovações.

A via colonial persiste nas condições do subdesenvolvimento e da dependência.

A via complementar tende a tornar-se uma estratégia que se insere na centralização-descentralizada.

Os resíduos escravista, feudais e de castas

Embora as estruturas sociais não democráticas sejam um problema que afeta principalmente o Terceiro Mundo, no Primeiro Mundo existem

ainda resíduos escravistas, feudais e de castas.

As democracias Ocidentais têm se desenvolvido eliminando progressivamente êsses resíduos.

Não obstante, em alguns países do Terceiro Mundo êles são uma herança de suas formações históricas e que, em alguns casos, ainda prevalecem, apesar do implemento e difusão das inovações tecnológicas, que afetam o desenvolvimento das forças produtivas.

A questão tem relação com a mentalidade e, portanto, com os valores que informam às culturas.

A resistência à mudança cultural mistura-se, assim, à questão das identidades locais, regionais e nacionais.

No entanto, a ciência e a técnica ocidentais podem ser assimiladas, em muitos casos, através da utilização de objetos de consumo e aparatos militares, sem que desapareçam os traços culturais, havendo um processo de aculturação de certas inovações, que passam a ser utilizadas contra as tendências mais fortes de secularização do comportamento e da consciência.

O Terceiro Mundo apresenta inúmeros exemplos de como o capitalismo utiliza valores incompatíveis, em princípio, com as normas democráticas formais.

A recente valorização das diferenças tem colocado o problema democrático em outros parâmetros, diversos da herança clássica européia.

Assim, o problema social passa a expressar-se no direito às pessoas professarem crenças distintas, desde que as relações humanas não sejam de opressão e de exploração de pessoas e governos contra outros.

A questão envolve o problema dos negros, dos índios, dos orientais, da mulher, das crianças, dos meninos de rua, dos idosos e, com isso, envolve as ações e relações sociais.

A questão do sexo é uma das mais importantes.

Assim, a democracia ganha contornos novos, à medida que se opõe aos diversos tipos de autoritarismo.

O Terceiro Mundo, em sua diversidade, é cada vez mais permeado por novos valores, valores êsses que significam o direito à cidadania completa, quando as individualidades livres encontram meio de se expressarem socialmente.

O homem novo e a apreensão das distorsões

A crise mundial, se é desorganização do mundo criado com o pós-guerra e acontecimentos que se sucederam até a década de 80, pode ser pensada também como a emergência de uma nova configuração de valo-

res e instituições, ainda em processo de reordenação dos espaços globais, nacionais, regionais e locais.

Essa reorganização tem na ciência e na tecnologia, relacionadas à informação e à comunicação, seu nexos principal e define-se como a emergência, neste final de século, de uma nova sociedade, que tem propiciado o aparecimento de uma nova mentalidade.

Nos processos de mudança, que são destrutivos-criativos, destaca-se a figura de novos tipos de pessoas, que já nasceram no bôjo das transformações mundiais e pensam e agem segundo nova normas e padrões.

No Terceiro Mundo, a crise se manifesta como a fragmentação, a anomia, a efemeridade e, nas grandes metrópoles, como o aparecimento de uma situação esquizofrênica.

Mas, o mesmo processo crítico gerou a pessoa dos tecnólogos, como novos agentes sociais que, em equipes, trabalham na organização de um mundo diverso.

A filosofia dêsse homem novo, que já existe no Primeiro Mundo, é uma modalidade recente de pragmatismo, apoiado no saber técnico e no conhecimento do significado das transformações estruturais e conjunturais, num mundo globalizado.

Não se trata de uma ideologia no sentido clássico, mas da capacidade de lidar com a sinergia.

No Terceiro Mundo, os países centrais da periferia estão à frente dêsse processo, que se expressa na urbanização acelerada.

As transformações, na medida em que se baseiam na cooperação de individualidades diversas, caminham em meio a seqüelas do passado e aos novos problemas conjunturais, que são expressão da centralização-descentralizada.

A apreensão das distorsões se dá por meio das possibilidades abertas pela própria informação e comunicação.

Na transição do presente, quais os parâmetros que orientam o pensar e o fazer?

O futuro do futuro

Por paradoxal que pareça agora, o Terceiro Mundo é ainda o futuro se fazendo futuro.

Se os países jovens têm ainda um longo caminho a percorrer, isso, ao contrário do que possa parecer, é uma vantagem.

De certo modo, é o Primeiro Mundo que cria essa vantagem.

Não precisamos passar pelas etapas já percorridas pelos países velhos que, agora, aparentam um rejuvenescimento propiciado pela revolução técnica e científica.

Os que são crianças e jovens hoje chegarão ao século XXI como o advento de um mundo novo.

O pessimismo atual é uma decorrência dos problemas estruturais herdados do passado histórico.

Como disse o grande filósofo da modernidade: "o passado pesa como um pesadêlo no cérebro dos vivos".

É que a história, é por vêzes linear, e outras vêzes admite re-trocessos.

É como recuar do imaginário ao horizonte possível, mas apenas para retomar a direção que a humanidade a si mesma propõe.

Nesse sentido, o futuro é o tempo do espaço: do espaço terrestre remodelado e do espaço sideral conquistado.

O futuro do futuro já se põe hoje para cada geração.

.....
A sociedade moderna ainda não assimilou sua própria velocidade. O que agora é futuro que se aproxima, será um passado que terá que ser reavaliado, na perspectiva do tempo.

Nos últimos 50 anos a humanidade avançou mais do que em tōda a sua história anterior.

É êsse o sentido da proposta de que a História acabou.

Na realidade, o que se vê é o parto de uma história nova, não dissociada do espaço, e que apenas se inicia.

.....
Na reflexão do momento que se está vivendo, o cotidiano parece paralisado, no ponto de encontro, onde o amanhã é um instante que, como verdade posta, abre a perspectiva do dia seguinte, dos dias seguintes, que a midia resume nos fins de semana, quando o calendário gregoriano fornece os parâmetros do fluir do tempo.

Há um descompasso entre o real e o imaginário, que se põe objetivamente, nos artefatos que a técnica e a ciência produzem, diariamente, indicando o rumo a seguir.

Bibliografia Contextual

Becker, B.K. (1983) O Uso Político do Território: Questões a Partir de uma Visão do Terceiro Mundo, xerox, Rio de Janeiro.

Lacoste, Y. (1985) Geografia do Subdesenvolvimento (Geopolítica de uma Crise) 7ª edição, Difel, São Paulo.

Santos, M. (1979) O Espaço Dividido (Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos), tradução de Myrna T. Rego Vianna, Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro.

Silva, A.C. da (1976) A Explicação Geográfica, Revista Contexto, nº 1,
Hucitec, São Paulo.

São Paulo, 12 de fevereiro de 1992